



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

EDUARDA PLÁCIDA DE SOUZA SILVA

**AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR:
REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO
DE PILÕES/PB**

GUARABIRA/PB

2015

EDUARDA PLÁCIDA DE SOUZA SILVA

**AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR:
REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO
DE PILÕES/PB**

Monografia apresentada à coordenação da Especialização Étnico-Racial na Educação Infantil, da UEPB/Campus de Guarabira, como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Adriano.

GUARABIRA/PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Eduarda Plácida de Souza
As relações étnico-raciais no cotidiano escolar: [manuscrito] : reflexões a partir de uma Escola Pública do Município de Pilões/PB / Eduarda Plácida de Souza Silva. - 2015.
40 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Étnico Racial na Educação Infantil EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Carlos Adriano Ferreira de Lima, História".

"Co-Orientação: Daniel Torquato

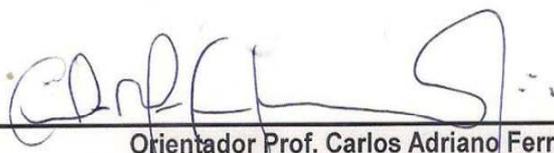
1. Relações Étnico-Raciais. 2. Escola. 3. Identidade. I.
Título.

21. ed. CDD 326

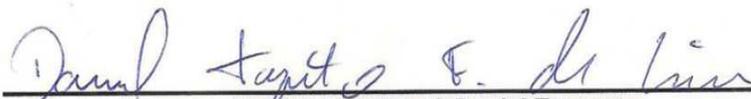
Eduarda Plácida de Souza Silva

AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR:
REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO
MUNICÍPIO DE PILÕES/PB

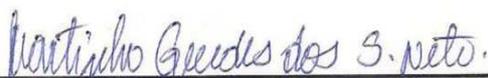
COMISSÃO EXAMINADORA



Orientador Prof. Carlos Adriano Ferreira de Lima



Coorientador Prof. Daniel Torquato



Prof. Martinho Guedes dos Santos Neto Membro



Prof(a). Naiara Ferraz Bandeira Alves

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, aos meus pais que sempre lutaram para me criar da melhor maneira possível, mostrando sempre os caminhos do bem, aos meus irmãos, e a todos que de alguma forma contribuíram na realização deste trabalho.

“O que nos faz semelhantes ou mais humanos são as diferenças”.

Nilma Lino Gomes

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, força suprema, presente em todos os momentos da minha vida;

A minha mãe, Fátima, pelos momentos de incentivo e pelo exemplo de mãe, de vida, que tanto comemorou o meu ingresso na especialização, sempre me apoiando. Ao meu pai, Agnelo e aos meus irmãos Sabrina e Filipe, que me incentivaram no desenvolvimento deste estudo;

A minha sobrinha Beatriz, por todo o amor, por tornar minha vida mais alegre com sua existência;

A minha querida e doce amiga Vanise pelo carinho, amizade, por acreditar em mim, e por dizer nos momentos de grandes aflições: “Acredito em você minha amiga”;

A estimada professora Dra. Ivonildes da Silva Fonseca, mulher de fibra, exemplo de dignidade e retidão;

Ao orientador Professor Dr. Carlos Adriano, pessoa que aprendi admirar durante as aulas como profissional competente e dedicado.

Ao co-orientador Daniel Torquato, pela forma atenciosa e solícita, com que sempre me tratou, como também por sua orientação segura, durante o desenvolvimento deste trabalho;

A todos os demais professores da Especialização da UEPB;

A Escola na qual realizei a pesquisa e a todos os alunos e professores;

A todos que de alguma forma colaboraram para efetivação deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as relações étnico-raciais no cotidiano escolar, tentando compreender de que forma as ações que perpassam este ambiente de socialização, como o racismo, práticas discriminatórias, refletem no processo de construção da identidade da criança negra. Pois é fato que a educação no Brasil, sempre aconteceu de forma desigual, direcionando sua prática a cultura eurocêntrica, práticas essas presentes até os dias atuais. O tema em questão foi analisado por meio de uma pesquisa bibliográfica, baseando-se também nos resultados de uma pesquisa de campo, com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública na cidade de Pilões/PB. O estudo apresentado demonstra o quanto ainda é forte e presente os padrões da cultura eurocêntrica, contribuindo para negação da identidade das crianças negras, prejudicando sua autoestima, comprometendo sua relação com o outro e com o mundo que o cerca. A partir da pesquisa podemos perceber como são silenciadas questões que envolvem a temática étnico-racial no contexto escolar, ficando claro também a falta de conhecimento da Lei 10.639/03, a qual torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação básica, lei essa que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), tendo como objetivo principal o de promover uma educação na qual se reconheça e valorize a diversidade, valorizando as origens do povo brasileiro, como também a construção e o fortalecimento da identidade negra.

PALAVRAS-CHAVE

Relações Étnico-Raciais. Escola. Identidade. Lei. Diversidade.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the ethnic-racial relationships in school life, trying to understand how the actions that underlie this environment of socialization, such as racism, discriminatory practices, reflect in the construction of the black children's identity. For the fact is that the education in Brazil has ever happened unevenly, directing its practice to the Eurocentric culture until nowadays. The topic at hand was analyzed by means of a literature search, also based on the results of a field research with students of the 3rd grade of elementary school from a public school in the city of Pilões/PB. This study shows how strong and present the Eurocentric culture patterns are still, contributing to the denial of the black children's identity, damaging their self-esteem, compromising their relationship each other and with the world around them. From the research we can see how questions involving ethnic-racial theme in the school context are disregarded, making clear the lack of knowledge of the Law 10.639 / 03, which makes mandatory the teaching of the African and Afro-Brazilian history and culture in basic education, law amending the LDB (Lei de Diretrizes e Bases), whose the main objective is to promote an education which recognizes and values diversity, valuing the origins of the Brazilian people as well as building and strengthening of black identity.

KEYWORDS

Ethnic-Racial Relationships. School. Identity. Law. Diversity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES	12
1.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA	12
1.2 REFLEXÕES ACERCA DO RACISMO	15
1.3 O COTIDIANO ESCOLAR E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL	17
2. AS RELAÇÕES RACIAIS NA EDUCAÇÃO ENTRE A LEI E AS PRÁTICAS	21
2.1 CAMINHOS POSSÍVEIS COM A LEI 10639/03.	21
2.2 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.	23
3. O COTIDIANO ESCOLAR E A CRIANÇA NEGRA	27
3.1 CONHECENDO A ESCOLA	27
3.2 A SALA DE AULA E OS SUJEITOS DA PESQUISA	28
3.3 A OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	31
3.4 PERCEPÇÕES DOS EDUCADORES SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE	

INTRODUÇÃO

A diversidade étnica, racial e cultural, são elementos que formam a sociedade brasileira, a partir de tais características, é preciso entender de que forma essas diversidades são trabalhadas no contexto escolar, como também de que forma as relações étnico-raciais são construídas, pois sabemos que a escola é um espaço de reprodução social no qual as desigualdades presentes na sociedade refletem-se no seu cotidiano.

Durante nossa vida cumprimos um longo processo de socialização, no qual construímos nosso caráter, personalidade, iniciando-se na família, no convívio com outras pessoas, e na escola, sendo esse um lugar transmissor não só dos conhecimentos específicos, mas também um lugar de construção de identidades, de valores, pois é através das relações estabelecidas na escola que nós seres humanos vamos moldando nossa personalidade, construindo nossa identidade. As atitudes raciais de caráter negativo podem, ainda, ganhar mais força na medida em que essa criança convive em um ambiente, no qual as pessoas tratam de forma negativa o negro, o índio, a mulher, o homossexual, o velho e o pobre, todos os grupos que são colocados a margem da sociedade brasileira.

O cotidiano escolar é palco dos diferentes aspectos afetivos, culturais, sociais e tais diferenças precisam ser pensadas em seus projetos políticos pedagógicos, como elemento norteador no processo de ensino e aprendizagem, com suas singularidades: fisionomia, estatura, cor de pele, visão de mundo, modo de ser, sentir, agir e sonhar.

O conflito e as práticas racistas na escola não se resume apenas as relações entre os agentes que atuam na mesma, como também o ambiente escolar traz representações de imagens caricatas de crianças negras seja nos livros didáticos, na literatura, como também na metodologia e currículos desenvolvidos, os quais em sua maioria corroboram ao padrão dominante, pois é notória a falta de visibilidade e reconhecimento dos conteúdos que contemplem a história do povo negro.

Essas posturas ideológicas tendem a tomar dimensões ainda maiores ao levarmos em consideração quem são esses sujeitos que recebem tais ideologias? São crianças em processo de construção, de desenvolvimento, cognitivo, social e emocional, as quais assimilam facilmente as mensagens ideológicas trabalhada

através de conteúdos discriminatórios que transpassam as relações sociais, os quais atendem os interesses do padrão dominante, fortalecendo a suposta inferioridade de determinados grupos. No entanto a escola tanto pode ser um espaço de propagação quanto um meio eficaz de desconstrução e diminuição do preconceito e da discriminação.

Entretanto, é fundamental que todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem sejam conscientes das diferenças existentes na sociedade, para que assim consigam perceber a presença do preconceito em atitudes e situações pautadas pelo senso comum, como normais, inofensivas, perceber que são atitudes preconceituosas sim, discriminatórias e negadoras da igualdade de direitos, implicando a ofensa da dignidade de seres humanos.

A disseminação do preconceito racial em nosso país nos mostra a existência de um sistema social racista que possui tessituras que provocam as desigualdades raciais dentro da sociedade. Diante desse contexto, as políticas públicas educacionais mais especificamente a lei 10.639/03 traz a diversidade étnico-racial, numa abordagem pluriétnica, multicultural e multidisciplinar, tornando como desafio novas possibilidades mais democráticas de tratar a diferença no cotidiano escolar. Pois a educação é sem dúvida a melhor forma de desconstrução de estereótipos, trabalhando de forma efetiva a história e a cultura do povo negro, mostrando suas contribuições para o desenvolvimento da sociedade brasileira. O ser humano precisa passar a enxergar beleza nas diferenças e a viver democraticamente em uma sociedade plural, mas para que isso possa acontecer torna-se necessário respeitar os diferentes grupos e culturas que constituem a sociedade.

O tema em questão foi analisado por meio de uma pesquisa bibliográfica, na qual foram utilizados como fonte de estudo obras de grande relevância sobre o tema, para que possamos entender questões imprescindíveis ao desenvolvimento desse trabalho como, por exemplo, identidade negra, racismo, cotidiano escolar, discriminação racial. Neste sentido apoiamo-nos nos estudos de Cavalleiro (1998, 2005) Gomes (2005, 2010), Sant'ana (2005) dentre outros autores, a apresentação desses autores apresentados aqui como reflexão, estará explicitada no decorrer do trabalho.

No primeiro capítulo, trataremos uma discussão acerca do processo de construção das identidades, nesse caso da identidade negra, refletindo sobre a complexidade em se construir tal identidade em um país no qual prevalece a

hegemonia branca. Trazendo também uma reflexão acerca do racismo, no qual a questão das práticas racistas, tem impactos históricos não de hoje, mas sim de muito tempo atrás, e por último trazemos os desdobramentos dessas práticas racistas dentro do cotidiano escolar, buscando compreender de que forma tais praticas discriminatórias refletem-se no espaço educacional, como também de que forma são construídas as relações nesse espaço de reprodução social.

O segundo capítulo irá abordar um pouco sobre a luta de anos dos movimentos sociais negros, as conquistas alcançadas, conseguindo assim a inclusão de políticas públicas educacionais mais democráticas que busquem a valorização da cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da população negra na construção da sociedade. Discutindo também sobre a formação dos educadores em meio a essas mudanças, pois acreditamos que este tem um papel fundamental, para que se construa uma educação voltada para diversidade, o qual através de sua prática poderá construir uma pedagogia antirracista.

Por fim no terceiro capítulo trataremos sobre a pesquisa realizada na escola, trazendo a análise dos dados, as falas dos educadores, das crianças, no qual para obtermos tais resultados, utilizamos como técnica de coletas de dados a observação, questionários, para assim pode analisar de que forma a escola concebe e trabalha a história e a cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. Procurando verificar também de que forma as relações étnico-raciais construídas neste ambiente refletem diretamente no processo de construção da identidade negra.

1. A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

1.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

A história do povo negro na sua construção e inclusão na sociedade brasileira é margeada pelo racismo, discriminação, como também pela perpetuação de estereótipos negativos. Sabemos que concepções como estas são heranças do período colonial no Brasil, o que nos leva a refletirmos até que ponto tais concepções estão presentes em nossas relações nos dias atuais. Conforme Ruiz (1988, p. 100 apud SANT'ANA, 2005, p. 41)

Há uma relação muito próxima entre a escravidão a que foram submetidos os negros e a recusa às pessoas de cor negra... 'O estigma em relação aos negros tem sido reforçado pelos interesses econômicos e sociais que levaram os povos negros à escravidão'. Daí o negro ter se convertido em símbolo de sujeição e de inferioridade. E este conceito negativo sobre o negro foi forjado.

Para começarmos uma discussão sobre identidade, devemos entender que esta questão é ampla e complexa, porém há divergências entre os pensadores de diversos campos das ciências humanas como sociólogos, antropólogos e historiadores sobre a concepção do que venha a definir identidade.

Assim fundamentando-se em um artigo de Nilma Lino Gomes sobre alguns termos e conceitos presentes nos debates sobre relações raciais no Brasil. A autora destaca a complexidade que é seguir uma linha de pesquisa em relação ao conceito de identidade, pois a construção de uma identidade possui diversas experiências. Conforme a autora "A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre a identidade enquanto processo mais amplo, mais complexo." Este processo é formado por dimensões pessoais e sociais que não podem ser separados, pois estão ligados entre si e são construídos na vida em sociedade. A concepção de identidade não pode ser compreendida por uma única definição, visto que sua construção está relacionada com o ambiente no qual o sujeito está inserido, baseando-se nos elementos de ordem cultural, econômico, étnico, geográfico e político, pois de acordo Gomes

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas lingüísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana. (GOMES, 2005, p.41).

No Brasil esse processo de construção de identidades acontece de forma bastante tensa e com certa complexidade, em decorrência do processo de mestiçagem. Munanga (2009) diz “Não é fácil definir quem é negro no país”, pois em uma sociedade, na qual a cultura europeia foi consolidada como única e superior, negando qualquer outra cultura, como forma de representar sua superioridade étnica. Enquanto a população negra é considerada como modelo étnico-cultural negativo, dentro deste contexto, construir uma identidade negra, assumir-se negro no Brasil não é uma fácil. Então entre essa dicotomia, instituiu-se uma escala de valores, de tal forma que a pessoa cuja suas características aproximem-se do tipo branco tendem a ser mais respeitada enquanto a pessoa a qual possui características que as aproximem do tipo negro, tendem a ser desrespeitada, rejeitada e discriminada pela sociedade. Neste sentido

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina os negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores(as), sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2005, p.43).

Segundo este pensamento a identidade se constrói a partir das relações estabelecidas com o mundo de valores no qual se está inserido, fundamentando suas escolhas, ou seja, é um processo de construção social, no qual nos percebemos através do olhar do outro, sendo assim a identidade pode ser considerada como resultado das praticas sociais. Segundo Pinto e Ferreira

No âmbito das relações raciais, o olhar do outro aparece com uma importância decisiva na construção da identidade. Assim, o olhar do outro serve para categorizar as pessoas, ou seja, agrupá-las de acordo com sua especificidade, nesse caso, a de ser negro (a). E vai além disso: o olhar do outro agrega um valor a essa categorização; logo, o olhar discriminatório agrega um valor negativo ao indivíduo ou grupo especificado. Esse olhar interfere diretamente na forma como

as pessoas negras se percebem, pois o indivíduo se constitui a partir desse olhar, ou seja, ele o introjeta. (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 264)

Porém é preciso levar em consideração que vivemos em uma sociedade extremamente preconceituosa, que ao longo da história tem construído uma imagem negativa da pessoa negra. Então partindo desse pressuposto a socialização das crianças negras, será construída a partir de paradigmas excludentes e estereótipos negativos.

Isso leva a supor que uma imagem desvalorativa/inferiorizante de negros, bem como a valorativa de indivíduos brancos, possa ser interiorizada no decorrer da formação dos indivíduos, por intermédio dos processos socializadores. Diante disso, cada indivíduo socializado em nossa cultura poderá internalizar representações preconceituosas a respeito desse grupo sem se dar conta disso, ou até mesmo se dando conta por acreditar ser o mais correto. (CAVALLEIRO, 1998, p. 25-26)

Partindo dessa idéia o processo de socialização é algo essencial e bastante significativo durante o processo de desenvolvimento do sujeito. A família e a escola serão seus primeiros espaços sociais, serão como espelhos que refletem o meio em que vivem. É em meio a esse processo de socialização que as crianças começam a internalizar, compreender o seu lugar no mundo, construindo sua personalidade e identidade.

É importante ressaltar a importância da socialização primária na construção da identidade da pessoa negra, pois se os pais e a família tiverem se apropriado de valores negativos referentes ao seu grupo racial, muito provavelmente transmitirão esses valores aos filhos, não os questionando e contribuindo para a perpetuação de estereótipos e preconceitos acerca da pessoa negra. Por conseguinte, a criança negra se apropria desses valores como sendo verdadeiros e não questiona as representações que lhe são atribuídas, reproduzindo esses valores negativos em seus relacionamentos, o que se torna um ciclo vicioso. (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 262)

Nesta perspectiva, temos de compreender que a construção da identidade negra pode ser afetada, uma vez que estes ambientes de socialização, de conhecimentos e aprendizagem, trabalhando a imagem da pessoa negra de maneira estereotipada podem resultar na rejeição de suas identidades, ou seja, a recusa de si mesmo. Para que as crianças possam construir suas identidades, respeitando suas peculiaridades, sua cultura, assumindo-se enquanto sujeito social, a escola e a

família com espaço de socialização precisam criar estratégias na qual todos se sintam livres para assumir-se, reconhecendo-se em meio às diferenças. Freire no seu livro *Pedagogia da autonomia* destaca

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*. (FREIRE, 1996, p.41)

1.2 REFLEXÕES SOBRE O RACISMO

Para iniciarmos algumas concepções sobre a "naturalização" expressão errada, mas que utilizaremos aqui, sobre a idéia do negro como ser inferior, propenso ao atraso em termos cognitivos são problemas históricos para além do que nós imaginamos ser recente, ou é relevante para os incidentes de intolerância racial nos dias atuais. O racismo é considerado como uma doutrina, uma ideologia que hierarquiza, ou seja, que estabelece superioridade e inferioridade racial entre os povos. O racismo é uma prática antiga no Brasil e é o principal fator que contribui para as altas taxas de repetência e abandono escolar da população negra. Assim, é necessário tratar as questões históricas, as quais nos trazem uma maior compreensão e reflexão sobre as práticas racistas tão difundidas na sociedade. Para tanto faremos uma breve retrospectiva do surgimento do racismo no mundo, e seus reflexos históricos e ideológicos.

O racismo que o negro sofre passa pela cor de sua pele. Este racismo tem um conteúdo cultural muito forte. Os mitos da sociedade ocidental em relação às diferenças entre homens e mulheres surgem dentro de uma realidade inegável: a supremacia da raça branca. Por isso mesmo pode-se entender o fortíssimo mito em torno da cor do negro. Há uma violenta carga emocional em torno de sua cor. O Negro vive em um mundo branco, criado à imagem do branco, e basicamente dominado pelo branco. (SANT' ANA, 2005, p. 59).

Seguindo este pensamento, podemos perceber que a sociedade brasileira vem consagrando e perpetuando tais desigualdades nas relações sociais, raciais entre os diferentes grupos étnicos. Comumente ao falarmos em racismo nos

remetemos diretamente às pessoas negras, no entanto é preciso saber que o racismo pode acontecer contras as diversas raças, sejam negros, índios dentre outras raças.

Sant' Ana, em um texto bem esclarecedor com o título: História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados, apresenta uma breve linha histórica sobre a concepção de como os grupos étnicos que estavam fora do continente europeu foram estigmatizados e vítimas de discriminação, os quais logo receberiam como um aliado em seu discurso "a ciência como uma verdade inegável", na qual a classificação dos indivíduos era a prova da evolução da espécie humana.

Segundo Sant' Ana (2005) o racismo entre os seres humanos foi surgindo, consolidando-se gradualmente. Os filósofos gregos Aristóteles e Cícero afirmavam uma diferença natural entre alguns homens. Na Idade Média, reforçam estas idéias, principalmente com o papel da Igreja e intelectuais que lá estavam, lançando assim as fortes bases do racismo que se alastraram a partir do século XV com as navegações.

A descoberta de novos "mundos", a circunavegação do globo, as novas rotas de mercado e negociação de especiarias, mudou radicalmente a vida, a política e a filosofia da Europa na era moderna, a igreja desempenha novamente um papel decisivo para explicar todos estes novos acontecimentos, é nessa época que surge a utilização da mão de obra das pessoas negras, na história de alguns países colonizados pelos europeus.

A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que confrontam pela primeira vez, tudo isso, mas as necessidades econômicas de exploração, predispuseram o espírito europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. O negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica" (MUNANGA, 1986, p.9 apud SANT' ANA, 2005, p.46).

Mas de volta à história das concepções de racismo, da Idade Média até o nosso presente, os mecanismos de discriminação e submissão de outros grupos étnicos se adequaram e aperfeiçoaram-se, especialmente com a proteção do discurso científico.

O século XIX foi o da consolidação das doutrinas racistas. Diferenças entre a conduta de ideologias católicas ou protestantes eram mínimas, em o Ver. J. Priest,

etnógrafo e fundador da Sociedade Antropológica de Londres, publicou um tratado denominado *A Bíblia defende a escravidão*, que é a favor desta, usando uma suposta argumentação bíblica favorável. Mas, na realidade, a interpretação bíblica foi completamente falsa, demonstrando a conveniência dos detentores saber para apropriar-se da Mão de obra de outras etnias.

Outro exemplo posto pelo autor em 1900, C. Carrol, em sua obra *Provas Bíblicas e Científicas de que o Negro não é Membro da Raça Humana*, afirma que “todas as pesquisas científicas confirmam sua natureza caracteristicamente símia”.

Assim, observa-se que pelos os tratados, ensaios, teses, etc, todos tendem a justificar a escravidão, onde dificilmente o negro deixaria de ser alvo de racismo nos dias atuais. Sant' Ana (2005) argumenta que algumas dessas obras tiveram uma grande aceitação entre os grupos interessados para justificar a escravidão dos negros e índios (neste caso, o índio, bem como uma vítima do discurso científico de inferioridade), mas também nas classes mais baixas, que de uma forma ou de outra se beneficiavam com a suposta inferioridade do negro e índio, transformados em escravos.

O racismo tornou-se uma ideologia bem elaborada, sendo fruto da ciência europeia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África. E esta ideologia racista ganha força a partir da escravidão negra, adquirindo estatuto de teoria após a revolução industrial europeia. (SANT' ANA, 2005, p.49).

Então podemos observar a partir dos dados históricos a existência e os motivos das práticas racistas tão propagadas nas nossas relações interpessoais, e que carregam em si pelo tempo as maléficas consequências da discriminação do negro, inferiorizando ou o tornando em categoria diferente da dos seres humanos “brancos” e “naturalmente” civilizados.

1.3 O COTIDIANO ESCOLAR E A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Ao pensarmos em cotidiano, é preciso que tenhamos um olhar mais atento sobre o mesmo, para que as ações realizadas no dia a dia, não sejam consideradas pelo senso comum como algo natural, inofensivas. Como por exemplo, a forma como são tratadas as pessoas negras, as quais são estigmatizadas, discriminadas diariamente, sabemos que situações como essas são consideradas por grande parte

das pessoas que as praticam, como algo normal, que já faz parte do dia a dia da sociedade. Martins e Munhoz enfatizam bem essa questão (2007, p.16) “é preciso perceber que todas as ações e idéias que temos na vida cotidiana fazem parte de um contexto histórico que, de certa forma, determinou nossa forma de agir e de pensar [...]”

Então seguindo este pensamento sobre a vida cotidiana, iremos nos remeter ao cotidiano escolar e as práticas discriminatórias presentes nesse espaço. Sendo assim precisamos refletir de que forma tais ações, consideradas inofensivas chegam a este espaço. Pois sabemos que durante o processo de ensino aprendizagem as crianças desde bem pequenas assimilam os conceitos, os padrões da sociedade que a rodeia, aprendendo de forma passiva, sem ter a concepção crítica de tais ações.

O cotidiano das escolas brasileiras é marcado por uma educação que exclui, segrega as crianças negras. Reproduzindo uma pedagogia do silêncio, não contemplando em seus currículos a história do povo negro, exaltando apenas os padrões eurocêntricos. Desta forma a criança negra não se reconhece dentro desse contexto escolar, ela não consegue enxerga-se, pois a escola trabalha com conteúdos e praticas que desvalorizam a pessoa negra.

Uma autora que pode revelar essas questões presentes no cotidiano escolar é Eliane Cavalleiro (2005) ao introduzir o livro: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03

Na educação brasileira, a ausência de uma reflexão sobre as relações raciais no planejamento escolar tem impedido a promoção de relações interpessoais respeitáveis e igualitárias entre os agentes sociais que integram o cotidiano da escola. O silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação raciais nas diversas instituições educacionais contribui para que as diferenças de fenótipo entre negros e brancos sejam entendidas como desigualdades naturais. Mais do que isso, reproduzem ou constroem os negros como sinônimos de seres inferiores. O silêncio escolar sobre o racismo cotidiano não só impede o florescimento do potencial intelectual de milhares de mentes brilhantes nas escolas brasileiras, tanto de alunos negros quanto de brancos, como também nos embrutece ao longo de nossas vidas, impedindo-nos de sermos seres realmente livres “para ser o que for e ser tudo” – livres dos preconceitos, dos estereótipos, dos estigmas, entre outros males. Portanto, como professores(as) ou cidadãos(ãs) comuns, não podemos mais nos silenciar diante do crime de racismo no cotidiano escolar, em especial se desejamos realmente ser considerados

educadores e ser sujeitos de nossa própria história. (CAVALLEIRO, 2005, p. 11-12)

O contexto escolar é marcado fortemente por tais práticas, mesmo que o discurso dos profissionais da educação seja “que não consegue perceber em sua prática pedagógica atitudes que discrimine que exclua a criança negra” essa falta de percepção por parte dos educadores ao presenciarem atitudes discriminatórias entre os alunos, tratar de forma diferenciada crianças brancas e negras dentro do contexto escolar é um elemento prejudicial, considerando que essas atitudes acabam dificultando que se construa uma educação voltada para a diversidade, pois seus atores não reconhecem que tal prática sejam presentes, persistentes no sistema educacional.

Os aspectos do cotidiano escolar como currículo, material didático e relações interpessoais são hostis e limitadores de aprendizagem para os(as) alunos(as) negros(as). Nesses espaços, as ocorrências de tratamentos diferenciados podem conduzir, direta ou indiretamente, à exclusão deles(as) da escola, ou ainda, para os(as) que lá permanecem, à construção de um sentimento de inadequação ao sistema escolar e inferioridade racial (CAVALLEIRO, 2005, p.69).

Ao longo da história da educação a imagem caricaturada da pessoa negra, era retratada nos discursos, nos livros didáticos, sempre executando tarefas domésticas, sendo considerado incompetente estúpido, desatento, e algumas vezes tendo sua imagem associada a animais como o macaco por exemplo. Mas infelizmente essas representações, a perpetuação desses estereótipos não é algo que ficou no passado, pois ainda é algo bem presente na sociedade, porém em alguns casos se apresenta de forma velada. “Os estereótipos geram os preconceitos, que se constituem em um juízo prévio a uma ausência de real conhecimento do outro.” (SILVA, 2005, p. 24). Ainda de acordo com Silva

A presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos e especificamente nos livros didáticos pode promover a exclusão, a cristalização do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto-rejeição e a baixa auto-estima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado. (SILVA, 2005, p.24)

Diante dessa realidade é quase impossível a criança não incorporar, essas representações mesmo que sejam de maneira latente, questões como essas irão refletir diretamente no processo de formação da identidade das crianças negras.

A escola e a sociedade por um longo tempo e até hoje, propagou preconceitos em muitos aspectos, priorizando culturas, omitindo-se frente a situações de discriminação, especialmente, seus alunos de descendência africana e indígena.

Não há como negar que o preconceito e a discriminação raciais constituem um problema de grande monta para a criança negra, visto que essa sofre direta e cotidianamente maus tratos, agressões e injustiças, os quais afetam a sua infância e comprometem todo o seu desenvolvimento intelectual. A escola e seus agentes, os profissionais da educação em geral, têm demonstrado omissão quanto ao dever de respeitar a diversidade racial e reconhecer com dignidade as crianças e a juventude negra. (CAVALLEIRO, 2005, p.12)

Portanto não se pode negar que o efeito das atitudes racistas, discriminatórias presentes no cotidiano escolar, vem ao longo da história gerando graves consequências na vida destes sujeitos.

Ao discutirmos sobre cotidiano escolar e práticas discriminatórias, concluiu-se que os todos que fazem parte desse cotidiano, precisam fazer de sua prática, uma constante busca para o exercício da cidadania e igualdade étnico-racial, saindo do senso comum, para que se tenha uma maior percepção da realidade em que vivem nossos alunos, tendo consciência de seus papéis, na formação de cidadãos. Ainda que, não seja tarefa simplesmente da escola erradicar tais práticas, entretanto, a escola precisa assumir também seu papel na luta para combater o racismo e a discriminação seja ela racial, social, religiosa, numa busca constante de estratégias, para que essas atitudes sejam eliminadas da sociedade.

2 AS RELAÇÕES RACIAIS NA EDUCAÇÃO ENTRE A LEI E AS PRÁTICAS

2.1 CAMINHOS POSSÍVEIS COM A LEI 10.639/03

Para que possamos entender o caminho que perpassa as relações étnico-raciais no ambiente escolar no Brasil, é preciso nos deter um pouco as proposições legais, neste caso, a lei 10.639/03. O povo negro vem historicamente, sendo tratado de forma desigual, por um longo período na história brasileira, o mesmos foram impedidos de ter acesso a escola ou de nela permanecer, então a lei é instituída como uma política de ações afirmativas¹ tendo como principal objetivo reparar tais injustiças, as quais foram e ainda continuam sendo submetidas às pessoas negras.

As discussões desenvolvidas em volta das diversidades culturais e sociais que caracterizam a sociedade brasileira, pelos movimentos sociais ao longo do século XX, mais precisamente o Movimento Negro, resultaram na promulgação da lei 10.639/03 em 09 de janeiro de 2003 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que torna obrigatória a inclusão do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos currículos dos estabelecimentos de ensino público e privados da Educação Básica. Conforme sinaliza Gomes

O papel indutor dessa Lei como política pública aponta para a ampliação da responsabilidade do Estado diante da complexidade e das múltiplas dimensões e tensões em torno da questão racial. Nesse processo, o conjunto de direitos negados à população negra e reivindicados historicamente pelo Movimento Negro exige o dever do Estado no reconhecimento e legitimação da questão racial nas políticas públicas das áreas da saúde, trabalho, meio ambiente, terra, juventude, gênero. Dada essa inter-relação, a implementação da Lei 10.639/03 - entendida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – tem instigado o Ministério da Educação, as secretarias de educação e as escolas na implementação de políticas e práticas que garantam a totalidade dos direitos da população negra. (GOMES, 2010, p. 09).

Tornar obrigatório a inclusão do conteúdo de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos de Educação Básica representa uma grande conquista não

¹ Ações afirmativas são políticas de reparações e de reconhecimento. Conjunto de ações políticas dirigidas a correção de desigualdades raciais e sociais, orientadas para oferta de tratamento diferenciado com vistas a corrigir desvantagens e marginalização criadas e mantidas por estrutura social excludente e discriminatória. Ações afirmativas atendem ao determinado pelo Programa Nacional de Direitos Humanos, bem como a compromissos internacionais assumidos pelo Brasil, com o objetivo de combate ao racismo e a discriminação (Brasil – MEC, 2004, p. 12)

só para população negra, como também para todos os brasileiros, pois todos irão ter acesso aos elementos culturais e históricos que construíram o país. Pois é preciso conhecer a real história e cultura de seu povo, tentando corrigir os danos sofridos durante séculos, os quais tinham sua identidade e seus direitos negados. De acordo com as Diretrizes Curriculares para Relações Étnico-Raciais

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra. (MEC, 2004, p. 12)

“É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz européia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica” (MEC, 2004 p. 17). Entretanto a Lei é criada com o objetivo de oferecer direitos sociais, culturais de forma igualitária, valorizando a diversidade, onde os discursos, as posturas, a maneira de tratar as pessoas negras, sejam repensados, priorizando o respeito aos diversos elementos presentes na diversidade que compõem a sociedade brasileira, procurando desconstruir a visão depreciativa da pessoa negra, que por anos foi propagada na sociedade.

Lei 10.639/03 e suas diretrizes precisam ser compreendidas dentro do complexo campo das relações raciais brasileiras sobre o qual incidem. Isso significa ir além da adoção de programas e projetos específicos voltados para a diversidade étnico-racial realizados de forma aleatória e descontínua. Implica a inserção da questão racial nas metas educacionais do país, no Plano Nacional da Educação, nos planos estaduais e municipais, na gestão da escola e nas práticas pedagógicas e curriculares de forma mais contundente. Essa legislação. (GOMES, 2010, p.09)

A valorização da identidade do povo negro é um dos principais pontos abordados pelo Parecer e presente na Resolução que institui as Diretrizes

Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas. (MEC, 2004, p20).

Os movimentos sociais negros, bem como muitos intelectuais negros empenhados na luta anti-racista, levaram mais de meio século para conseguirem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares, trazendo a luta dos negros no Brasil, a cultura negra, como também a contribuição da pessoa negra na construção da sociedade brasileira.

O sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, visando as reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros depende necessariamente das condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnico-raciais. Depende, ainda, de trabalho conjunto, de articulação entre processos educativos escolares, políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças éticas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnico-raciais não se limitam à escola. (MEC, 2004, p. 13).

Assim, a história do povo brasileiro não deve ser recuperada a partir de padrões culturais e estéticos, trazendo o branco como superior, mas uma história que é capaz de resgatar a sua própria cultura e identidade, uma história na qual a pessoa negra seja compreendida como um sujeito social. Entretanto é fato que muito ainda precisa ser feito, para que a lei 10.639/03 realmente se efetive nas escolas, para que seja presente de forma integral no currículo escolar.

2.2 FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Ao pensarmos em uma educação que busque a valorização da diversidade, um dos temas que precisa ser pensando com prioridade é a formação dos

professores, pois através desse processo de formação, tem-se uma perspectiva elucidativa a qual possa contribuir para um entendimento mais profundo para aqueles que atuam na escola quanto à importância de valorizar, de construir uma pedagogia antirracista. No livro *Modos de Fazer*, da coleção “Saberes e Fazeres” do Projeto A Cor da Cultura, essa questão é bem explicitada

Ao valorizar a diversidade brasileira, reconhecendo a participação efetiva de africanos e afrodescendentes na construção da sociedade nacional, a Lei nº10639/03 gera uma demanda específica: formar professores para aplicar determinados conteúdos, até então apagados dos currículos escolares e da formação profissional dos docentes. (*Modos de fazer*, 2010, p.05)

A formação dos educadores enfrenta nos dias atuais, os desafios e dilemas compatíveis com as exigências dos novos tempos. O conhecimento a ser ensinado por professores e seu ensino devem evoluir ao longo do tempo de acordo com as mudanças sociais. Nesta perspectiva, a formação continuada é uma alternativa que supera a complexidade do ensino em seus conhecimentos e práticas.

Ao nos referirmos à formação continuada, Carvalho (2008) afirma que

Concebe-se a formação continuada do professor como a de um profissional envolvido com uma pluralidade de saberes, destacando-se, inicialmente, a relação da teoria da educação com o conjunto de saberes científico e filosófico da atualidade. Aponta-se, nesse sentido, aqueles saberes situados na convergência entre teoria da educação e da pedagogia, filosofia e as demais ciências: sociologia, psicologia, história, antropologia, política, linguagem, ciências exatas e da natureza, etc., ou seja, campos que inter transdisciplinarmente e transversalmente o auxiliarão na leitura do mundo onde se situa e atua cotidianamente, construindo, nessas interfaces, os saberes educacionais para atuar na docência. (CARVALHO, 2008, p. 220).

“O papel do educador é muito importante, pois é através desse processo (educacional) pelo qual todos os seres humanos passam que vamos no construir, enquanto indivíduos, com mais ou menos preconceito” (Martins e Munhoz, 2007, p.36). Assim a formação de educadores é um elemento transversal no campo educacional, pois o educador através do conhecimento irá dispor de instrumentos favoráveis para serem utilizados em sua prática docente. Mas para que isso seja algo efetivo dentro de sua sala de aula o mesmo precisa estar predisposto a repensar e questionar a diversidade presente na sociedade, a partir de tais posturas buscarem a desconstrução de estereótipos, comportamentos preconceituosos no ambiente escolar.

Todos os profissionais da educação que favorecem consciente ou inconscientemente a manutenção, a indução ou a propagação de racismo, preconceitos e discriminação raciais no espaço escolar devem ser questionados e se auto-questionar quanto ao exercício de sua profissão de educador. Buscar soluções para esses problemas não é um trabalho apenas em favor dos(as) alunos(as) negros(as), representa um trabalho em favor de todos(as) os(as) brasileiros(as), quer sejam pessoas pretas, pardas, indígenas, brancas ou amarelas. (CAVALLEIRO, 2005, p.13)

Precisamos levar em consideração que tais educadores tiveram uma trajetória escolar, baseada na cultura eurocêntrica, na qual o acesso a história afro-brasileira lhes foi negado, os profissionais, só terão uma prática satisfatória na educação para as relações étnico-raciais se tiverem em sua formação, tais conhecimentos de forma obrigatória. Os planos nacionais deverão, portanto, incluir a obrigatoriedade de tal formação. Os educadores necessitam do conhecimento da história e cultura afro para assim contribuir para a efetivação da lei, ainda que o currículo e a linguagem na sala de aula ainda estejam longe de entender o que é a identidade negra e como ela é importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Portanto, os educadores(as) brasileiros(as), necessitam urgentemente contemplar no interior das escolas a discussão acerca das relações raciais no Brasil, bem como de a diversidade racial. Nessa linha, é preciso não só boa vontade e sensibilidade dos profissionais da educação, mas também o fornecimento de material didático-pedagógico anti-racista e recursos auxiliares aos professores para que possam ministrar aulas combatendo o preconceito e a discriminação raciais. (CAVALLEIRO, 2005, p.14)

A escola é sem dúvida um ambiente ideal para reflexão dos problemas que assolam nossa sociedade, através do processo de interação de todos que fazem parte do contexto escolar, que se pode desmistificar a cultura eurocêntrica, a qual aparece como uma cultura superior até os dias atuais. Pois o ambiente escolar é um espaço onde comportamentos, padrões são reproduzidos, então é preciso ter um olhar mais cuidadoso para a formação dos sujeitos responsáveis por mediar essa reprodução.

O educador no mundo contemporâneo deve estar disposto para lutar contra o racismo, contra qualquer tipo de prática discriminatória, posicionando-se com propriedade diante atitudes racistas, preconceituosas, de forma elucidativa, não apenas silenciando, como comumente reagem os profissionais da educação diante

de situações deste tipo. Mostrando que todos possuem os mesmos direitos e os mesmos deveres perante a sociedade, formando cidadãos conscientes da diversidade existente, que não importa sua cor, sua religião, sua origem, todos têm que ser respeitados.

“Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida do aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo” (FREIRE, 1996, p.42). Assim o educador é na maioria das vezes não tem noção do tamanho um exemplo a ser seguido pela criança, exercendo grande influencia na vida destas. Então o educador ao assumir uma nova postura diante das questões étnico-racias, valorizando as diversidades existentes, as crianças, os jovens brasileiros poderão criar uma nova visão de mundo, passando a respeitar as diferenças, que caracterizam o país no qual eles vivem. Diante disto o professor precisa estar cômscio do seu papel na formação de opiniões, na construção de identidades, pois é através da escola que os indivíduos vão se construindo enquanto cidadãos.

3 O COTIDIANO ESCOLAR E A CRIANÇA NEGRA

3.1 CONHECENDO A ESCOLA

A Escola da rede pública Dom Santino Coutinho, está localizada na Rua Noberto Baracuchy, 269, no centro da cidade de Pilões - PB. A escola é composta por 441 alunos, atende do 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental nos turnos manhã e tarde, e a noite a EJA, atende ao ensino integral por meio do “Programa Mais Educação”². Seu corpo docente é formado por 22 professores, 02 coordenadores Pedagógicos, 01 secretário escolar, 01 técnico administrativo, 01 inspetora, 01 vigilante, 02 porteiros, e 05 auxiliares e o grupo gestor, composto por 01 diretor e uma vice. A citada escola não dispõe de sala de computadores, nem biblioteca, a sala que seria da biblioteca, vêm sendo utilizada como depósito, logo a escola não disponibiliza de nenhum livro da literatura que contemple a história e a cultura africana.

De acordo com as informações passadas pela coordenação pedagógica, a escola, o currículo é baseado na realidade de seus alunos, valorizando a cultura e a diversidade local. O Projeto Político Pedagógico encontra-se em construção, mas segundo a coordenadora a escola tem como prática pedagógica, o envolvimento de todos, ou seja, professores, pais, alunos, funcionários e comunidade no processo ensino aprendizagem.

De acordo com as diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnico-Raciais (2004, p.14) “a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime.” No entanto, o que observei no pouco tempo que estive na referida instituição, foi que a mesma não considera uma educação para relações étnico-

² O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

raciais a qual tem como principal objetivo o desenvolvimento de um trabalho que valorize e respeite a identidade cultural e racial da população brasileira. O que pude perceber também foi que há um silenciamento em relação a essas questões, embora grande parte de seus alunos e também dos funcionários possuam características fenotípicas negras.

A escola trabalha com o “Programa Primeiro Saberes da Infância”³ este é um programa desenvolvido pelas escolas da rede Estadual, desenvolvendo a Proposta Curricular por meio de Ciclos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o qual traz como objetivo romper com a estrutura do ensino seriado, visando à democratização do Ensino, contribuindo para melhorar o acesso e a permanência do aluno na escola, bem como com a aprendizagem significativa.

Durante uma conversa informal com o diretor, para conhecer um pouco melhor a escola, e falando sobre a pesquisa, trazendo um pouco à discussão, a implementação da lei, as relações raciais, o contexto escolar, mostrando que havia certa resistência por parte das escolas em introduzir o conteúdo da História e Cultura Afro-brasileira de forma efetiva em seus currículos, não somente, em datas folclóricas como comumente é visto. O mesmo disse que “não é resistência, é receio em trabalhar com questões difíceis, que não adianta trabalhar na escola, porque isso é uma questão da sociedade.

3.2 A SALA DE AULA E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Durante a pesquisa realizada na sala de aula do 3º ano do fundamental I, utilizamos como instrumento de coleta de dados a observação, conversas informais e uma oficina, na qual trabalhamos dois vídeos do Programa A Cor da Cultura,⁴ os

³ Para o Presidente do CEE/PB, Professor Flávio Romero Guimarães, a aprovação do Parecer e a edição das Resoluções é um marco na história da Educação Básica no Estado da Paraíba, considerando que a Proposta Curricular por meio de Ciclos, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, rompe com a estrutura seriada, visando à democratização do Ensino, contribuindo para melhorar o acesso e a permanência do aluno na escola, bem como com a aprendizagem significativa.

⁴ A cor da cultura é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, fruto de uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobras, o Cidan - Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, o MEC, a Fundação Palmares, a TV Globo e a Seppir - Secretaria de políticas de promoção da igualdade racial. O projeto teve seu início em 2004 e, desde então, tem realizado produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas que visam práticas positivas, valorizando a história deste segmento sob um ponto de vista afirmativo.

vídeos exibidos foram “Bruna e a Galinha D’Angola e “Ana e Ana”, ambos nos trazem a história e cultura africana de forma positiva, trazendo a criança negra como protagonista da história.

Os sujeitos envolvidos nesse estudo foram a professora e os 19 alunos, numa faixa etária de 07 a 11 anos. A professora possui magistério, graduanda do curso de Pedagogia, foram realizadas conversas informais com mesma, foram observadas e também participaram da oficina de contação de histórias, para efetivação do estudo proposto.

Durante uma conversa informal com a professora, perguntando se mesma percebia no cotidiano escolar, situações e atitudes racistas, a respeito do cabelo, da cor da pele? Disse-nos que só às vezes quando as crianças estão em meio a uma discussão, ouvia falas do tipo “cabelo de bucha” “macaco”⁵, a mesma diz que isso é muito frequente, no dia a dia escolar, que não acontecia só em sua sala de aula, a questioneei de que como ela se colocava diante de tais situações, disse que “chamava atenção das crianças, dizendo que não é para falar esse tipo de coisa”. Percebe-se então, que falas como essas estão naturalizadas pelo senso comum, então o professor já está tão acostumado que acha que não tem mais jeito, e acaba de forma inconsciente, contribuindo para perpetuação desse xingamento, como algo normal. Para desnaturalizar esses estereótipos a escola precisa instrumentalizar-se para trabalhar com a questão racial. Pois é notório que na maioria das vezes o professor não sabe como se posicionar, não sabe como lidar, pelo fato de não ter um conhecimento mais abalizado sobre tais questões. Conforme Gomes

O discurso pedagógico, ao privilegiar a questão racial, não gira somente em torno de conceitos, disciplinas e saberes escolares. Fala sobre o negro na sua totalidade, refere-se ao seu pertencimento étnico, à sua condição socioeconômica, à sua cultura, ao seu grupo geracional, aos valores de gênero etc. Tudo isso se dá de maneira consciente e inconsciente. Muitas vezes, é por intermédio desse discurso que estereótipos e preconceitos sobre o corpo negro são reproduzidos. Será que eles são superados? (GOMES, 2005, p. 234)

⁵ O educador em sua sala de aula precisa estar mais atento a essas práticas racistas, ajudando o aluno que sofre tal discriminação. Pois a sala de aula é um ambiente privilegiado para que esses estereótipos sejam desconstruídos, pois o educador tem a oportunidade de trazer essa discussão para o seu fazer pedagógico, buscando valorizar a diversidade, sensibilizando seus alunos sobre a importância e a riqueza cultural brasileira. Fazendo com que todos os seus alunos, seja ele branco ou negro, passem a valorizar e respeitar o outro, o diferente.

Após nossa conversa a professora aproveitou que estava trabalhando com gráficos, e na oportunidade tomou a iniciativa de trazer para a aula um questionamento, “se vocês fossem a uma loja de brinquedos, e pedissem para que escolhessem entre um boneco (a) branco (a) e preto (a) quais vocês escolheriam?” Apenas duas crianças, responderam que escolheriam o preto (a), isso nos mostra o quanto ainda é presente, o quanto é forte essa cultura do branqueamento, é importante destacar que a maioria das crianças desta sala de aula, possui características fenotípicas negras. Ao serem questionados pela professora porque a maioria escolheria o branco (a), as crianças só responderam dizendo “porque é mais bonito(a)” outras foram mais incisivas dizendo,

“A loira porque ela é bonita e a preta é feia, feia, feia” (aluna S, 8 anos)

“Branco, porque é muito bonito e mais elegante, completou dizendo ‘eu sou branco, e queria ser loiro’.” (aluno L, 7 anos).

Através da fala das crianças, compreende-se que tais pensamentos ainda é bastante difundido, onde se super valoriza a beleza branca. A pessoa branca é vista como o símbolo de perfeição, e a pessoa negra é vista como feia, coisa ruim, pois não corresponde aos padrões de beleza que foram e ainda continuam sendo impostos pela sociedade. E infelizmente é esse discurso que vem sendo propagado há muitos anos. Esses estereótipos, essa concepção entre o que é perfeito e o que é feio têm contribuído para a negação da identidade das crianças negras, tendo em vista que a criança começa a internalizar esses estereótipos desde muito cedo, porque não consegue ver sua imagem representada de forma positiva. É nessa narrativa que entra o papel da escola, em desenvolver um trabalho, que priorize tais questões, de acordo com Moitinho

A escola e o currículo podem procurar desconstruir as identidades essencializadas e estereotipadas e proporcionar a construção de práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano da sala de aula, assim como de valorização das diferentes identidades em construção presentes no cotidiano escolar. (MOITINHO, 2009, p. 01)

3.3 A OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Para o desenvolvimento da oficina escolhemos duas obras: “Bruna e a Galinha D’Angola e “Ana e Ana”, tendo como foco principal perceber as reações e percepções das crianças, a partir exibição dos vídeos, visto que as mesmas nos trazem a história e cultura africana de forma positiva, trazendo a criança negra como protagonista da história, exaltando a beleza negra em suas narrativas. Trabalhando principalmente a questão da identidade étnico-racial da criança negra. Algumas questões nortearam tal desenvolvimento como: Quais os elementos presentes no cotidiano que são de origem africana. Se as crianças conseguem fazer relações com o cotidiano. Se já ouviram histórias sobre o continente Africano.

A oficina foi realizada durante dois dias, no primeiro dia trabalhamos com “Bruna e a Galinha D’angola”, iniciamos a aula, perguntando aos alunos, quem conhecia uma galinha d’ angola? Se eles conseguiam imaginar como seria esta galinha? Quem já tinha ouvido falar na África, através desta conversa, valorizar o conhecimento prévio de cada criança. Ao questionarmos sobre a África uma criança respondeu dizendo “é o fim do mundo”. Sabemos que esses pensamentos em relação ao continente africano, foram construídos ao longo da história, na qual a África era considerada como um lugar selvagem, um lugar de conflitos, de guerras. Mas essa visão depreciativa em relação à África pode ser desconstruída a partir da inclusão do Ensino de História e Cultura afro-brasileira, bem como da História da África e dos africanos. Pois o aluno poderá conhecer suas raízes, como também os elementos que fazem parte de sua cultura de sua identidade.

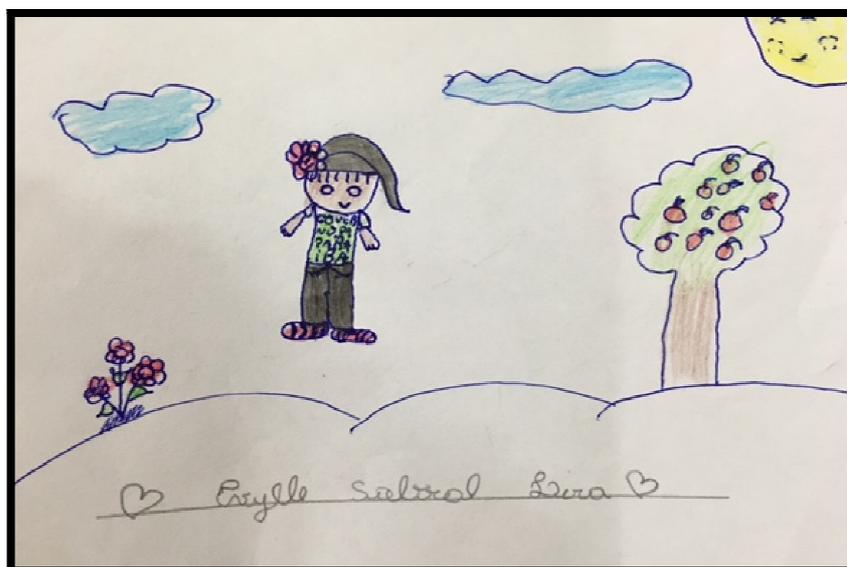
Então, pedimos às crianças que elas fizessem dois desenhos desta galinha, um seria antes da exibição do vídeo e o outro após. Alguns disseram não saber, que nunca tinham visto, nem ouvido falar, mas no fim todos participaram.

Desenhos feitos pelas crianças durante a oficina



No primeiro desenho a maioria das crianças não se preocuparam em colorir, já no segundo, após o vídeo, tentaram representar o que tinham visto. Ao serem questionados, após a exibição do vídeo se já tinham visto uma galinha como aquela as crianças continuaram afirmando nunca terem visto ou ouvido uma galinha como a galinha d'angola. Durante a construção dos desenhos, ficamos atentos, se haveria resistência por parte das crianças em trabalhar com o lápis de cor preta para colorir a galinha, levando em consideração que a cor preta no Brasil é considerada como uma coisa ruim, como algo negativo. Mas neste caso, as crianças não demonstraram nenhum tipo de oposição em trabalhar com tal cor.

No segundo dia exibimos o vídeo de “Ana e Ana” antes da exibição do vídeo pedimos que as crianças ficassem uma de frente para outra, e iriam repetir os gestos, um seria o espelho da outra, foi um momento que as crianças gostaram bastante, e todos queriam brincar ao mesmo tempo, promovendo a interação e socialização das crianças, ao serem questionados durante a brincadeira, se eles tinham diferenças? Quais eram? Eles foram dizendo: “o cabelo, a cor da pele”, mas o importante foi que neste momento podemos observar que eles se colocaram com muito respeito em relação ao outro, ressaltando as semelhanças em meio às diferenças. Após a exibição do vídeo, pedimos que produzissem um auto-retrato, através desta atividade, percebemos vários elementos que representam a identidade de cada aluno.





Deixamos as crianças à vontade no momento de construção de seus desenhos, porém a partir dos auto-retratos podemos observar que as crianças ao colorir a pele utilizam-se do lápis cor de rosa. Desta forma podemos perceber posturas diferentes durante a construção dos desenhos da galinha e do auto-retrato. Pois as crianças ao colorir seu auto-retrato, fizeram uso apenas do lápis cor de rosa. É importante salientar que tais crianças possuem um tom de pele que se aproxima da pele negra, no entanto essas atitudes de negação, infelizmente é algo bastante presente, pois a criança vem assimilando a representação da pessoa negra a partir de padrões que os colocam em posições de inferioridade, de subalternidade. A partir de tais atitudes percebemos o quanto essas representações da pessoa negra exercem grande influência no processo de construção da identidade desses sujeitos.

3.4 PERCEPÇÕES DOS EDUCADORES SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS NO COTIDIANO ESCOLAR

Aqui, iremos analisar a visão dos educadores, a respeito das questões que envolvem as relações étnico-raciais dentro no contexto escolar. Utilizamos como coleta de dados o questionário, o mesmo foi respondido por 05 professores e pelo gestor escolar, para tanto foram formuladas algumas questões como: Você já presenciou alguma atitude racista? Você percebe dentro do ambiente escolar, diferenças no tratamento dado a crianças brancas e negras? Qual a sua concepção

acerca do racismo e de que forma o mesmo deve ser tratado? De que forma as questões raciais são tratadas diante de situações de conflito dentro da sala de aula? As respostas dos professores nos apresentam certa ambivalência, observa-se certo cuidado em suas respostas, para não fugirem do que é politicamente correto. Inicialmente, ao ser questionado em relação ao preconceito racial no contexto escolar, a maioria das respostas foi que “o preconceito racial existe e é discutido”.

É importante destacar que todos os professores negaram de que exista tratamento diferenciado dado a crianças brancas e negras, o discurso é que “ todos são tratados da mesma forma, negam a existência de tais práticas seja ela de cunho racial ou social. As respostas a seguir nos mostra mais claramente as concepções do professor sobre questões que perpassam as relações étnico-raciais.

Acho que o racismo nada mais é que ignorância e falta de diversidade cultural por parte das pessoas, se cada um pensasse em nível global, e respeitasse a opinião (do outro) e as diferenças do outro, com certeza teríamos um mundo melhor e com menos racismo. (Professor A).

O racismo é a discriminação social que tem por base o conjunto de julgamentos pré-concebidos. É preciso construir uma sociedade que reconheça e respeite as diferenças. (Professor B).

Atitude preconceituosa, ou discriminação em relação ao outro, que deve ser tratado na família com extensão na escola. (Professor C)

De forma igual. Até porque somos assim diante de qualquer circunstância. (Professor D)

Em especial no Brasil, o racismo é um problema flagrante, com manifestações muito explícitas, porém, ainda não é encarado com a gravidade que possui. Apesar da relevante herança afro, ainda há uma cultura “branca” que, historicamente e infelizmente, é encarada do superior. O problema deve ser tratado com franqueza e sem meio-termo em todas as esferas sociais. (Professor E)

Percebemos nas respostas que o racismo é considerado como algo que precisa ser desnaturalizado, não só pela escola, mas por todos que fazem parte da sociedade, mas podemos observar que os mesmos não conseguem fazer uma relação de tal questão a sua prática docente, não reconhecem que tais práticas são fortemente difundidas no cotidiano escolar.

Ao questionarmos de que forma a escola tem valorizado a cultura afro-brasileira? Obtivemos as seguintes respostas

“A escola sempre teve um espaço privilegiado com relação a cultura, até porque ela trabalha com projetos”

“mostrando que a mistura do povo brasileiro foi feita por vários povos, conseguindo comparar diversas culturas, valorizá-las, promovendo o respeito a elas e derrubando preconceitos”

“Através de projetos pedagógicos que incentive o conhecimento, a valorização e o respeito a diversidade cultural.”

“Através da reflexão naturalmente gerada e abordada no programa pedagógico, e através de diálogos cotidianos acerca do tema, procurando desmistificar o tema.”

“Tem valorizado de forma bem proveitosa”

Tais respostas nos mostram certa contradição, levando em consideração as observações, e conversas informais realizadas durante a pesquisa de campo, a partir das mesmas podemos perceber que às questões relacionadas à História e Cultura Afro-Brasileira passam despercebidas no currículo. Realmente a escola trabalha com projetos, tivemos conhecimento de tal trabalho, porém, as questões da história e cultura afro-brasileira, não são contempladas com o que propõe a lei 10.639/03.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das idéias apresentadas, por meio dos autores estudados e da realidade observada na escola, analisamos a existência de um processo de desigualdade racial e social que marcam profundamente o cotidiano escolar.

Podemos comprovar que as relações étnico-raciais são construídas a partir de práticas eurocêntricas, como também a formação dos educadores para lidar com essas questões está muito distante do que propõe a lei 10.639/03, pois não existe interesse em aprofundar a história e cultura afro-brasileira, prevalecendo ainda a valorização da cultura européia.

A pesquisa realizada na escola nos revelou, através das falas, das atitudes, o quanto a identidade da criança negra vem sendo afetada, por não conseguir reconhece-se no meio que está inserido. Podemos perceber o quanto a cultura européia/branca, ainda é disseminada no contexto escolar como também na sociedade, e o quanto esses padrões são introjetados no imaginário das crianças, levando a negação da identidade racial por parte da criança negra.

A partir das percepções dos educadores, entendemos que para os mesmos o ambiente escolar, apenas reflete os problemas existentes na sociedade. Percebemos em seus discursos que todas as crianças são tratadas de forma igualitária, sabemos que atitudes como essas corroboram para que não sejam identificadas as práticas discriminatórias, racistas, presentes no cotidiano escolar.

Ainda que, não seja tarefa simplesmente da escola erradicar tais práticas, entretanto, a escola precisa assumir também seu papel na luta para combater o racismo e a discriminação seja ela racial, social, religiosa, numa busca constante de estratégias, para que essas atitudes sejam eliminadas da sociedade. Entendemos que já não se pode mais silenciar diante dessa realidade, principalmente no que se refere à questão da valorização e afirmação da cultura negra no processo educacional, tornando a lei 10.639/03 como elemento norteador da prática pedagógica e não como um projeto irrealizável, apenas como mais uma lei da constituição brasileira. Contudo, é fato que muito ainda precisa ser feito, para que a lei 10.639/03 realmente se efetive nas escolas, para que seja presente de forma integral no currículo escolar. Como também que os conteúdos valorizem a diversidade existente na sociedade, utilizando destes elementos para o

desenvolvimento e construção da cidadania das crianças brasileiras. Nos quais a criança possa compreender criticamente sua realidade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Janete Magalhães. **A cooperação como poder constituinte da formação continuada e do coletivo universidade escolar: tarefa quixotesca?**. Texto apresentado no XIV ENDIPE, Rio Grande do Sul, 2008.

CAVALLEIRO, Eliane. Discriminação Racial e Pluralismo Nas Escolas Públicas da Cidade de São Paulo. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei 10.693/03**. Brasil. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. MEC, 2005, p 65-104.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

Educação como exercício da diversidade. Brasília: UNESCO, MEC, AMPEd, 2007.

Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e

Diversidade, 2005. 236 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/** Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei 10.693/03**. Brasil. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. MEC, 2005, p 39-62.

_____. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Educação como exercício de diversidade**. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2005, p 229-250.

_____. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. In: <http://www.anpae.org.br/iberolusobrasileiro2010/cdrom/94.pdf>. 13p. Acessado em 15/10/2015.

MARTINS, Roseli Figueiredo; MUNHOZ, Maria Letícia Puglisi. **Professora, não quero brincar com aquela negrinha!**. Coleção Percepções da Diferença Negros e Brancos na Escola. Vol. 05. São Paulo: NEINB – Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos Interdisciplinares Sobre o Negro Brasileiro, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC). **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF. 2004.

Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres / [organização Ana Paula Brandão]. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. il. (A cor da cultura ; v.4)

MOITINHO, Sara. **A criança negra no cotidiano escolar**. PUC - Rio de Janeiro, 2009.

MUNANGA, Kabengele. Um branco pode ser negro. Não é uma questão biológica, mas política In: **Desconfiando**: Porque o mundo é maior do que imaginamos. 2009.

Disponível em: <<http://desconfiando.wordpress.com/2009/10/15/um-branco-pode-ser-negro-nao-e-uma-questao-biologica-mas-politica/>>. Acesso em: 20 de set. 2015.

Pinto, Márcia Cristina Costa; Ferreira, Ricardo Franklin. **Relações Raciais No Brasil E A Construção Da Identidade Da Pessoa Negra**. Pesquisas e Práticas Psicossociais – PPP – vol.9 (2), São João Del-Rei, 2014.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2. Ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 21-38.

SANT'ANA, Antonio Olimpio de. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2. Ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p.39-68.

APÊNDICE

MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Questionário

Questões sobre o perfil do professores

- 1) Sexo: masculino () Feminino ()
- 2) Idade:
- 3) Formação:
- 4) Tempo de atuação:

Questões mais direcionadas as questões raciais na escola

- 5) Em relação ao preconceito racial no contexto escolar:
 Existe, porém ignorado
 Existe e é discutido
 Existe, porém não de forma declarada
 Não existe.
- 6) Você já presenciou alguma atitude racista?
 Sim
 Não
- 7) Você percebe dentro do ambiente escolar, diferenças no tratamento dado a crianças brancas e negras?
 Sim
 Não
- 8) Qual a sua concepção acerca do racismo e de que forma deve ser tratado?
- 9) Como a escola tem valorizado a cultura afro-brasileira?
- 10) De que forma as questões raciais são tratadas diante de situações de conflito dentro da sala de aula?